

## POIÉSIS E AUTORIA: O “FAZER POÉTICO” EM DIFERENTES CONTEXTOS DE LETRAMENTO

Paulo Roberto ALMEIDA<sup>79</sup>

Ana Lúcia de Campos ALMEIDA<sup>80</sup>

**Resumo:** Apoiado nos conceitos de cultura (BHABHA), de letramentos (STREET; SOARES), de gêneros do discurso (BAKHTIN) e na perspectiva de um sujeito “trabalhador” (POSSENTI; CERTEAU), o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a “poiésis”, produzido em práticas sociais de letramentos, ou seja, os modos de um “fazer poético”, as táticas no trabalho de dizer o mundo em que estão envolvidos/imersos os sujeitos em seu cotidiano. Um olhar crítico para espaços constitutivamente heterogêneos buscará indiciar nas práticas de/sobre linguagem não valorizadas, a singularidade ou indícios de autoria de sujeitos falantes, em seu “trabalho” com e na sua própria língua.

**Palavras-chave:** Hibridismo. Letramentos. Gêneros do discurso. Autoria

*Abstract: Taking as theoretical resources the concept of culture (BHABHA), the concept of literacies (STREET; SOARES), the concept of discursive genres (BAKHTIN) and the perspective of a “worker” subject (POSSENTI; CERTEAU), this work proposes to develop a reflection about “poiésis” produced in social practices of literacy; the ways of a poetic construction, which means the tactics of the poetic construction as a way of enunciate the world, into which the subjects are involved/immersed in their daily lives. A critical view upon heterogeneous spaces will search, observing not investigated language practices, the singularity or the signs of authorship of native speakers in their work upon and into their own language.*

**Keywords:** Hybridism. Literacies. Genres of discourse. Author

---

<sup>79</sup> Professor Adjunto do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas – UEL (Universidade Estadual de Londrina – PR [prpraalmeida@uol.com.br](mailto:prpraalmeida@uol.com.br))

<sup>80</sup> Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas – UEL (Universidade Estadual de Londrina – PR [analucpos@gmail.com](mailto:analucpos@gmail.com))

## Introdução

Na dinâmica das relações sociais, dentro de um território social constituído por instituições que, de acordo com Barbu (1971, p.23) “são as mais permanentes (duradouras) e certamente as mais visíveis cristalizações das relações humanas, ou ainda, os principais blocos da vida social”, manifesta-se um duelo, travado nas interações coletivas, em consequência das diferentes perspectivas advindas das múltiplas e diferentes matrizes de produção de sentidos e valores de diferentes grupos sociais, sobretudo no “duelo” social e linguístico travado entre diferentes grupos sociais no uso de diferentes modalidades linguísticas.

Para Soares (1992, p.58) “toda ordem que emerge do duelo é precária porque repousa na arquitetura diáfana do sentido. O sentido, além de dialógico, oscila entre as estruturas semióticas e o desdobramento criador dos sujeitos na linguagem”. Considerando que o universo social é um território marcado por um constante conflito no jogo da interação social, é óbvio que a linguagem exerce um papel fundamental nesse duelo travado na trama interacional numa (des)ordem social marcada pela multiplicidade, pela diferença e pelo contraste.

É sabido que cada um de nós experiencia tensões/lutas entre identidades em conflito baseados(as) em nossas diferentes posições no mundo. A identidade pode ser vista como a interface entre posições assumidas pelo sujeito em situações sociais, o que nos possibilita ter uma ideia de quem somos, de como nos relacionamos com o outro e com o mundo em que vivemos. Ao considerar-se que a identidade é marcada pela diferença, isto é, por aquilo que não (se) é, o jogo de identidades pode ser compreendido por uma marcação de inclusão/exclusão – “incluídos” e “excluídos”, “nós” e “eles”.

A identidade é, portanto, relacional: a identidade de um “excluído” é produzida em relação a um “incluído” e a diferença é estabelecida por marcas simbólicas em relação ao outro, marcas que são constituídas através de sistemas simbólicos de representação<sup>81</sup>, entre os quais está a língua(gem), sistema simbólico socialmente construído, mediador na relação entre homem/mundo. Pensar a relação homem/mundo/língua(gem) impõe que se debruce o olhar para uma reflexõesobre concepções que interligadas contribuem para uma análise mais profunda sobre o processo de constituição identitária, sobretudo quando se tem como foco nessa relação a inserção dos sujeitos no domínio da escrita: trata-se das concepções de cultura, gêneros do discurso e letramento(s).

---

<sup>81</sup> Segundo Hall (1997, p.15), “representação significa usar a linguagem para dizer alguma coisa significativa sobre, ou para representar o mundo significativamente para outras pessoas”.

Constitui o nosso propósito neste trabalho refletir sobre tal relação e, ao mesmo tempo explorar, à luz desses conceitos, o “trabalho” de falantes comuns, sujeitosusuários de sua língua, em diferentes contextos socioculturais, em diferentes eventos de letramentos; a criatividade, tática e bricolagem dos usuários, suas “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1990), os modos de um “fazer poético” (do grego - “poiéo” =criar, inventar, gerar), ou seja, as táticas no trabalho de um “fazer poético” de dizer o mundo. Significa buscar em diferentes olhares, em diferentes formas de ver a realidade, indícios de uma “autoria” no tratamento da linguagem. Esse deslocamento pode permitir, mais claramente, visibilizar e valorizar o hibridismo, ambivalência e a indeterminação na linguagem, desestabilizando e revisando aparentes certezas (BHABHA, 1998)

### **Cultura / linguagem**

Para Hall (1997, p.16) “os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentidos” e a “realidade” é uma interpretação que institui códigos, sistemas de significação que dão sentido às nossas ações e às ações alheias. A esse conjunto de ações codificadas nomeamos de cultura. Desse modo, a noção de cultura ultrapassa o domínio material da atividade da experiência humana para o domínio do simbólico, de construção de significados. Para a caracterização de cultura, efetivamente,é necessário que as práticas sociais produzidas tenham um significado simbólico para quem a produz, o que implica dizer que ao se construir sentidos sobre as práticas os sujeitosproduzem a cultura e se produzem.

Ao conjunto de práticas sociais que produzem sentidos e estabelecem modos de viver, de ser, de compreender o mundo, denominamos cultura. Entende-se, assim, que a cultura é constituidora de sujeitos, produtora de identidades e da relação com o outro. Mas a compreensão de cultura só se torna possível se assumirmos a posição basilar da linguagem como sistema simbólico produtor do que chamamos “realidade”; é pela linguagem que lemos o mundo. É por meio da linguagem que o indivíduo certifica-se de seu conhecimento de mundo e dos outros como também de si mesmo e, ao mesmo tempo, exerce papel fundamental nas transformações e mudanças no mundo que o cerca. E é sobretudo no mundo da língua(gem) e por meio da língua(gem), por meio do contato com o universo da escrita, em eventos marcados pelo uso da escrita nos mais diversos contextos socioculturais que os indivíduos se inserem e se constituem efetivamente como seres sociais que (inter)agem no seu meio social. São constituídos no e pelo mundo da escrita em diferentes práticas sociais, em diferentes

manifestações sociais, em diferentes eventos marcados pela escrita, ou seja, em diferentes eventos de letramento(s).

### **Letramento (s)**

Entendendo o letramento como um conjunto de práticas socioculturais de usos da escrita, com valores diferentes, em diferentes culturas, pode-se depreender que o letramento está fortemente relacionado aos diferentes campos do conhecimento. Nessa perspectiva, as orientações dos letramentos dos sujeitos podem ser compreendidas como oriundas de conhecimentos formulados por eles nos seus grupos sociais e na relação com outros grupos e com as diferentes instituições, na vida cotidiana e em diferentes esferas do mundo social, atravessadas pelas diferentes maneiras como a linguagem escrita se apresenta, de modo implícito ou explícito. Isso significa dizer que, vivendo em sociedades letradas, sujeitos escolarizados ou não escolarizados, de uma forma ou de outra, são afetados pelo fenômeno do letramento.

Definido em termos de práticas sociais e comunicativas com as quais os indivíduos se envolvem em vários domínios de sua vida, o letramento deve ser visto como histórica e socialmente situado. A escrita é tomada sob um olhar sociocultural efetivo, concepção em favor do qual se posicionam, hoje, teóricos do letramento (STREET, 1993; 1995; 2003; 2010; BARTON, D., 1993, 1998; BARTON, D., HAMILTON, M., 1994; BARTON, D., HAMILTON, M., IVANIC, R., 2000; SOARES, M., 2008).

Segundo Barton (1994), a escrita desempenha diferentes funções na vida diária dos indivíduos, em inúmeras atividades nas quais essa modalidade da língua está presente; trata-se dos eventos de letramento. Esse fenômeno marca ações de que a leitura e a escrita fazem parte. Nesse sentido, grupos culturais distintos lidam de forma diferenciada com os usos e as práticas sociais de escrita.

Sob essa perspectiva, os usos da língua escrita tendem a contribuir na configuração cultural dos diferentes grupos no universo social. Baseado nesses pressupostos, podemos inferir que práticas de letramento particularizam diferentes comunidades, o que traz implicações, por exemplo, no modo como os indivíduos lidam com os eventos de letramento manifestados nas diferentes culturas no meio social.

O espaço social não pode ser então pensado como uma estrutura homogênea, constituído apenas de verdades referenciais. Dessa forma, entende-se que tal espaço, espaço público, não é uno e

homogêneo e, assim mais do que nunca, deve-se aprender a olhar para a pluralidade de suas manifestações, buscando atentar sobretudo para vozes que rompem com uma suposta hegemonia cultural. Marcado pela heterogeneidade de posições e valores diante do mundo social, esse espaço plural caracteriza-se por diferentes manifestações culturais, ou seja, é constituído por uma gama contraditória e conflitante de elementos culturais e linguísticos que interagem e se digladiam: de um lado, um conjunto de valores da chamada cultura chamada hegemônica - letramentos dominantes como “letramentos institucionalizados”, e de outro, um conjunto de valores de culturas populares - letramentos locais como “letramentos vernaculares ou auto-gerados” (ROJO, 2009).

Segundo a autora, os agentes dos *letramentos dominantes* (professores, burocratas, padres, pastores, juízes, advogados, especialistas, autores dos livros didáticos, pesquisadores, jornalistas, comunicadores, etc) são legitimados institucionalmente e, portanto, são valorizados. Os *letramentos locais vernaculares* não são regulados, controlados ou sistematizados por instituições ou organizações sociais, mas têm sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais e, como tal, são marginalizados pela cultura oficial. Há, pois, um confronto/conflito entre elementos oposicionais e antagonísticos, num cenário acentuadamente híbrido em que se digladiam saberes ideologicamente postos em confronto/conflito e também ideologicamente materializados pelas diferenças linguísticas.

Na perspectiva de Bhabha (1998), neste espaço híbrido, os sujeitos são constitutivamente atravessados por uma gama heterogênea de ideologias e valores socioculturais; qualquer imagem aí é híbrida e será sempre constituída por traços de outros discursos, o que impossibilita um julgamento de valor nos níveis de representação mais autêntica ou mais complexa. Um olhar crítico para tal contexto revela que todas as formas de cultura são constitutivamente híbridas e é na ressignificação desse hibridismo, o “terceiro espaço”, que se pode perceber o surgimento de outras posições.

Ainda segundo Bhabha (1990, *apud* SOUZA, 2004), o deslocamento do “olhar” para a reconfiguração desse espaço permite o desvelamento de uma negociação que redimensiona a ideia de diferença cultural como a simples representação de uma controvérsia entre conteúdos oposicionais ou tradições antagônicas, o que implica um processo de ressignificação que leve em conta a natureza híbrida dos valores culturais, o que por sua vez implica buscar o que não é previsível, transparente.

Tal conjunto de considerações permite que avancemos nossas reflexões em torno da questão da escrita em seus diferentes usos sociais, sobretudo para as diferentes formas de manifestações nos diferentes contextos sociais.

## Os gêneros do discurso

Na concepção bakhtiniana de linguagem, “o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (BAKHTIN, 1992, p.21). Este centro organizador é constituído de muitas visões de mundo, muitas palavras e histórias, que dialogicamente se fundam no social. No jogo da interação social os sujeitos constituem os seus discursos por meio das palavras alheias de outros sujeitos, que ganham significação no seu discurso anterior e que por sua vez possibilitam a produção de novos discursos. É então numa rede discursiva que se formam o discurso social e os discursos individuais. Nesse movimento, certos sentidos vão se estabilizando nas diferentes situações sociais, historicamente marcadas, constituindo os chamados gêneros do discurso, ligados às situações da vida cotidiana e às diferentes esferas da vida social.

São eles, os gêneros do discurso, um conjunto aberto e heterogêneo de formas de enunciados que foram se organizando, no tempo, associados a certos conteúdos e situações sociais. Para Bakhtin (1992), há dois tipos de gêneros: os primários (orais) e os secundários (escrita); observa ainda o autor que os gêneros primários devem servir como base, levando-se sempre em conta uma interrelação dos dois gêneros, assim como o processo histórico de constituição dos gêneros secundários. São estes últimos ligados à comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, associada à escrita.

Ao afirmar que “a variedade dos gêneros do discurso pode revelar a variedade dos estratos e dos aspectos da personalidade individual” (p.283), pode-se estabelecer uma relação com a questão do estilo, na perspectiva de Possenti (1995), dentro de uma concepção de linguagem como atividade constitutiva do sujeito na manipulação da multiplicidade de recursos expressivos como efeito de exigências enunciativas; atividade que podemos associar com a questão de autoria, no sentido de que ao mesmo tempo em que os discursos apontam marcas históricas e sociais, apresentam também marcas do próprio sujeito, desvelam certa singularidade (op.cit, p.17), ou seja, mostram um sujeito que, imiscuindo-se no discurso do outro, deixa a marca de sua presença, diz algo de si para si e para o outro. Ainda segundo o autor, o enunciado, oral e escrito, primário e secundário, nas mais diferentes esferas da vida social, pode apresentar a individualidade na fala ou na escrita, o que significa dizer que o enunciado pode refletir um estilo individual, isto é, um “trabalho” do sujeito.

## Indícios de autoria

De acordo com Jolles (1997), todo o trabalho deve possuir um sentido que permita ao homem impor-se, sendo que a compreensão desse sentido deve conduzir o trabalho, como tal, à sua plena realização. Para a compreensão do universo é necessário que o homem nele mergulhe, que o sonde, que intervenha nele para realizar uma seleção, reduzindo a infinita quantidade de seus fenômenos. Assim, ao intervir, aprofunda, reduz, congrega, reúne os elementos conexos, separa, divide, decompõe e repõe o essencial em pequenas pilhas. Como tais elementos não possuem, de início, uma forma própria, o trabalho do homem consistirá em dar um sentido e uma forma própria ao operar-se a reunião durante a decomposição. Dessa forma

*Os semelhantes encontram-se; só que não constituem conjuntos de pormenores, mas uma diversidade cujos elementos se interpenetram, se unem, se fundem para apresentar uma forma suscetível de ser apreendida como objeto que possui - diríamos - sua validade e coesão próprias. (idem, op.cit., p.29)*

A constituição de um interlocutor em locutor, *um respondente ativo*, é revelada pela internalização dos recursos linguísticos construídos socialmente, a partir da compreensão dos signos linguísticos de sua própria língua, ou conforme Bakhtin (1992, p.301), “assimilando as formas da língua somente nas formas assumidas pelo enunciado e juntamente com essas formas”. Tal constituição é revelada, sobretudo, através da construção de uma prática de escrita voltada para a mobilização dos recursos expressivos linguísticos, escolhidos entre os recursos alternativos do trabalho linguístico de outros falantes e do próprio interlocutor-locutor, colocados à sua disposição para o processo de constituição de um discurso (POSSENTI, 1988).

Na perspectiva de Certeau (1990), os usuários produzem uma “bricolagem com e na cultura dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses e suas próprias regras” (p.40), em práticas que, segundo o autor, é como se organiza um outro saber, ou seja, um saber da cultura popular. Segundo o autor, essa cultura popular

*se formula essencialmente em “artes de fazer” isto ou aquilo, isto é, em consumos combinatórios e utilitários. Essas práticas colocam em jogo uma ratio popular, uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar (idem, p.42)*

Tomando por base o conjunto de reflexões acima, debruemos nosso olhar sobre alguns enunciados, de diferentes gêneros, produzidos em diferentes eventos de letramentos, em diferentes contextos, hibridamente constituídos e que indiciam o “trabalho” de sujeitos na produção de um “fazer poético”. Diante do heterogêneo, um olhar que perscruta o que se constitui heterogêneo

no processo de constituição da escrita. É o que se pode perceber no processo de tessitura do tecido textual, manifestado por um aluno-sujeito<sup>82</sup>:

**(T1)**

*[...] Você tem uma bagagem, você está de frente com uma situação: tenho que fazer isso, tenho esse material e aquilo que eu já tenho de bagagem, você pega o que te deram de ferramenta nova e a bagagem que você tem, então você começa a trabalhar, começa a montar, começa a parar, a raciocinar...ah, isso aqui parece que não encaixa bem, então vamos tentar fazer uma outra ferramentinha que encaixa as duas, prá poder trabalhar melhor, pra transferi as ideias e vai montando. Você tem a sua ideia, as suas próprias conclusões, aí você recebe um texto que trabalhar. Dependendo do ambiente em que você tá vivendo, o ambiente em que tá vivendo a sociedade, a situação política do país, o assunto que tá no auge da mídia, então você tá vivendo um certo ambiente. Então tudo aquilo acaba influenciando você na hora de trabalhar as ideias, você acaba misturando tudo e vai trabalhar do jeito que fica bem claro e você vai tirando suas conclusões daquele mundo que você tá vivendo, entendeu?*

A perspectiva de um ‘fazer para’ (*you are facing a situation: I have to do this*) (im)põe-lhe a mobilização de mecanismos de seu arsenal cognitivo – ‘como fazer’ (*starts to assemble, starts to stop, to think...*) num movimento de criação e reelaboração - ‘fazer com’ (*ah, this here seems not to fit, so let's try to make another little tool that fits the two, so we can work better, to transfer the ideas and go on assembling*), numa arte de fazer (“ποίηω”) que se processa “em consumos combinatórios e utilitários” (CERTEAU, 1990).

Ensina Bakhtin que

Compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo (no meu contexto), no contexto contemporâneo, no contexto futuro). Contextos presumidos do futuro: a sensação de que estou dando um novo passo (de que me movimente). Etapas da progressão dialógica da **compreensão**; o ponto de partida - o texto dado, para trás - os contextos passados, para frente - a presunção (e o início) do contexto futuro (1992, p.404).

Nessa dimensão dialógica, observe-se o posicionamento assumido pelo aluno-sujeito, em sua fala diante da cena enunciativa do ‘fazer textual’:

---

<sup>82</sup> Os excertos de textos marcados (T1) e (T2) representam falas de um aluno de escola técnica profissionalizante, recolhidos durante evento de trabalho com a escrita.



**(T2)**

*Interessante, você recebe ideias, compara com as suas e tem possibilidade de formar outras. Aí você vai criando um mundo, uma ideia; você vai aprendendo a formar as coisas e formar uma ideia completa [...] você vai trabalhando, pensando, aprende a raciocinar, você aba(sic) tendo que parar, refletir, então é uma coisa de análise, você vai tendo um crescimento próprio, acaba evoluindo.*

Diante de **textos dados, o ponto de partida** - contextos passados: *Interessante, você recebe ideias, compara com as suas e tem possibilidade de formar outras*; **contexto presumido de futuro:** *Aí você vai criando um mundo, uma ideia; você vai trabalhando, pensando, aprende a raciocinar, você acaba tendo que parar, refletir, então é uma coisa de análise*; **o devir –o contexto futuro:** o movimento a indiciar um posicionar-se, caminho para a constituição de uma identidade, a construção de autoria: *você vai aprendendo a formar as coisas e formar uma ideia completa [...];você vai tendo um crescimento próprio, acaba evoluindo.*

Essa arte de combinar indissociável da arte de utilizar parece ser a referência do trabalho de bricolagem pelos sujeitos usuários da linguagem outra que manuseiam segundo seus interesses e regras, como se pode perceber nos textos seguintes, em manifestações de singularidade ou indícios de autoria de sujeitos falantes, em seu “trabalho” com e na sua própria língua. A perspectiva de um ‘fazer para’, mobilização de mecanismos cognitivos e linguísticos – um ‘como fazer’, num movimento de criação e reelaboração - ‘fazer com’, numa arte de fazer (“ποιέω”):

**(T3) “COMO EM CASA”** (nome de um restaurante)

**(T4) “O TRABALHO DANIFICA O HOMEM”**

**(T5) “SUPIMPÃO”** (nome de uma padaria)

**(T6) propaganda de uma padaria na cidade de Marataízes, região sul do ES.**



E por que não trazer aqui uma outra imagem, a do araucano Sexta-feira no mundo de Robinson Crusoe a indiciar essa **poiésis**, esse fazer com/para, num movimento de (des)construção?

O “selvagem” representa para Robinson (Crusoe) uma ameaça para a integridade da ordem estabelecida na ilha Speranza; leva uma vida à margem dessa ordem duramente fincada por Robinson. Suas ações e intervenções desestruturam a “doxa” estabelecida por Robinson, constituindo uma ameaça para a integridade da ilha administrada. Os sinais de sua passagem eram indícios de uma vida à margem da ordem. O que dizer de pequenos arbustos desenraizados e replantados com os ramos enterrados e raízes voltadas para o céu que, a partir daí, criam novas formas e, metamorfoseando-se, acomodam-se à nova forma? Ou ainda, o que dizer então que entre as flores de mandrágoras, cultivadas com grande atenção por Robinson, rigorosamente classificadas em suas cores, surja uma nova flor, uma nova variedade com uma cor raiada, listrada, que até há poucos dias ali na ilha não existia? “Nunca se deitara no sítio onde floriu a mandrágora listrada...” E a terrível descoberta: ao espalhar sua *negra semente* em cópula com flores de mandrágora, Sexta-feira produz novas mandrágoras raiadas, listrada ... outras mandrágoras ... as suas mandrágoras -para espanto de Robinson. (TOURNIER, 1985).

Da mesma forma que Sexta-feira, nesse contexto, representa um interventor no “cosmo” organizado, “a **pedra negra** que se opõe ao sistema” (CERTEAU, 1990), o invasor, que armado com armadilhas e estratégias, faz o seu jogo, um jogo “diferente” no jogo do outro, os sujeitos falantes

aqui mobilizados, trabalhadores em atividade linguística, na realização do jogo de produção textual-discursiva, usam e manipulam estrategicamente recursos linguísticos internalizados construídos socialmente, a partir da compreensão dos signos linguísticos de sua própria língua, ou conforme Bakhtin (1992, p.1), “assimilando as formas da língua somente nas formas assumidas pelo enunciado e juntamente com essas formas”.

Esse posicionamento do sujeito diante do ‘fazer textual’ constitui uma das regularidades subjacentes manifestadas nesse percurso discursivo: “um sujeito agindo, manobrando, mesmo que não saiba que manobra” (POSSENTI, 1998, p.115).

## Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (original, 1979).
- BHABHA, H.K. **O local da cultura**. Belo Horizonte-MG: Ed. UFMG, 1998.
- BARBU, Z. **Society, Culture and personality**. Basil Blackwell. England. Oxford, 1971.
- BARTON, D. **Literacy: an introduction to the ecology of written language**. Oxford: Blackwell, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Local literacies**. Reading and writing in one community. London: Routledge, 1998.
- BARTON, D; HAMILTON, M. et al. **Worlds of literacy**. Clevedon: Multilingual Matters, 1994.
- BARTON, D. HAMILTON, M and IVANIC, R. **Situated Literacies – reading and writing in context**. London: Routledge, 2000.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- HALL, S. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage Publications. Press, 1997.
- JOLLES, A. **Formas simples**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- \_\_\_\_\_. O “eu” no discurso do “outro” ou a subjetividade mostrada. **Alfa**, São Paulo, 39: p.45-55, 1995.
- POSSENTI, S. et al. Discurso do outro: lá onde o sujeito trabalha. In: **Alfa**, São Paulo, 42:113-131, 1998.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2008.

SOUZA, L.M.T.M.de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA, JR. (ed.). **Margens da cultura.**São Paulo: Boitempo, 2004.

STREET, B. **Cross-cultural approaches to literacy.** New York: Cambridge University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **Social literacies:** Critical approaches to literacy in development, ethnography and education. Longman, London, New York, 1995.

\_\_\_\_\_. **What's "new" in New Literacy Studies?** Critical approaches to literacy in theory and practice. Current Issues in Comparative Education. Teachers College, Columbia University, v.5 (2), 2003.

\_\_\_\_\_. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M. e CARVALHO, G.T. (Orgs). **Cultura, escrita e letramento.** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

TOURNIER, M. **Sexta feira ou os limbos do Pacífico.**São Paulo: Difel, 1985.